

ECOS DA ALDEIA

Novembro de 2023

Trimestral

Edição #6 / Ano #2



Semana de integração Acolhimento dos novos formandos

De 12 a 20 de setembro, o Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel promoveu a semana de Integração dos formandos do ano letivo 2023/24.

A receção dos cerca de 170 novos formandos aconteceu a 12 de setembro, conjuntamente com os encarregados de educação, com o objetivo de promover a integração e o envolvimento das famílias no percurso formativo dos jovens durante o presente ano letivo.

O diretor do Centro, Dr. Jorge Gomes, começou por agradecer a escolha, por parte dos jovens e famílias, do Centro de Formação como modelo de ensino específico no apoio à conclusão do percurso educativo dos jovens em risco e com dificuldades da aprendizagem.

Agradeceu também o esforço dos encarregados de educação em estarem presentes neste dia importante para os novos formandos e explicou a dinâmica educativa de aprendizagem utilizada no Centro baseada na convergência entre a prática (saber-fazer) e a teoria (saber-saber), de forma a promover o conhecimento, as aptidões e as atitudes nos formandos.

A aposta na realização de uma semana de integração teve por objetivo criar um sentimento de pertença à Aldeia de Santa Isabel – desde as dinâmicas de

integração intergeracional à necessidade de adquirir conhecimentos necessários ao saber-estar, respeitando o outro, passando pela participação ativa nas diferentes atividades e projetos da Aldeia de Santa Isabel.

Durante a semana foram realizadas visitas às diferentes Oficinas, Residência de idosos S. João de Deus e Casa de Acolhimento de crianças e jovens, além dos espaços comuns e serviços da Aldeia de Santa Isabel.

Cada oficina organizou diversas dinâmicas de grupo/quebra-gelo como forma de dinamização da integração dos jovens. Além disso realizou-se um *peddy paper* dedicado à história da Aldeia de Santa Isabel.

Outro importante momento criado para os jovens foi o projeto “Conhecer a Minha Profissão”. Desta forma, demos a conhecer aos jovens as características base da profissão que vão aprender na oficina, o mercado de trabalho das respetivas profissões, promovendo e sensibilizando desta forma, a sua futura empregabilidade.

Como conclusão da semana de integração, promoveu-se no dia 20 um picnic e fez-se a abertura oficial do ano letivo através da construção de um Mural Intergeracional.

Obras na CAPAM

Desafios de estar sem casa

Relatos dos jovens da casa Padre Agostinho da Motta que apesar do desafio de estar sem casa, conseguiram o apoio dos vários recursos existentes na Aldeia de Santa Isabel. (pág. 2)

Arte e educação

Projeto Cultural da Aldeia

O Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel aderiu este ano ao Plano Nacional das Artes e ao Plano Nacional de Cinema. (pág. 3)

Formação

Humanidade para todos

A ERPI São João de Deus deu início ao processo de certificação em Humanidade (pág. 5)

História

37º Aniversário da Aldeia

A Aldeia de Santa Isabel celebrou 37 anos de existência pela mão do seu Diretor, Professor António Duarte Amaro (pág. 4).

Obras na CAPAM

Desafios de estar sem casa

POR ANTÓNIO MONTEIRO

Este texto que se segue pode demonstrar, ou não, o sentimento daquelas crianças e jovens que de um momento para o outro ficaram sem casa.

Como é de conhecimento de todos, a casa Padre Agostinho da Mota esteve em obras profundas e por isso foi necessário Jovens e Cuidadores adaptarem-se a uma nova realidade. Não poderíamos regressar a casa tão depressa. Inicialmente durante 3 semanas, passando depois a 4 semanas, a 5 semanas, sendo no final 6 semanas, o que acabou por ser mais desafiante do que inicialmente se previa.

Mas para perceberem melhor, vamos explicar como tudo aconteceu.

A escola terminou em meados de junho e as férias grandes estavam à porta, esta seria a janela de oportunidade para as obras começarem. Em julho houve um período de oito dias em São Julião e as obras iniciaram no dia 21 de agosto e assim, durante 4 semanas houve a necessidade de organizar um período de colónias de férias mais prolongado, novamente em São Julião e em São Pedro de Moel alternadamente. Regressamos à Aldeia de Santa Isabel no dia 13 de setembro. A casa ainda não estava disponível, as aulas estavam quase a começar, e aí é que os desafios se colocaram, onde ficar.

Há um ditado Africano que diz “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, ou seja, uma necessidade de ter uma rede de apoio e amor.

A alternativa encontrada foi utilizarmos as infra estruturas da Aldeia de Santa Isabel para nos acolher novamente nas nossas rotinas, utilizando o pavilhão polidesportivo para fazer as pernoitas, utilizar o refeitório para as refeições e utilizar o Centro de Recursos Intergeracional (CRI) nos tempos-livres, onde acabamos por passar a maior parte do tempo durante o dia como que se tratasse de um prolongamento da nossa casa.

“Estar sem casa foi difícil, porque tivemos de estar algum tempo no pavilhão, a nossa televisão partiu-se, mas gostei muito de estar no CRI, porque podemos conviver com outras pessoas e tínhamos muitas tecnologias à nossa disposição.”

“Dormir no pavilhão foi muito desafiante, acabei por ficar constipado. O melhor teria sido ficar noutra casa.”

“Não me importei de ficar sem casa. Gostei de estar no CRI, mas faz falta ter WIFI e ter pessoas que possam acompanhar os jovens, mas que percebam de tecnologia!”

“Foi desafiante porque fiquei mais desorganizado e isso refletiu-se no meu comportamento. Foi bom ficar no CRI porque podia passar mais tempo a jogar, ver filmes e construir coisas.”

“Para mim o maior desafio foi dormir no pavilhão, porque não tinha o meu espaço. Estar no CRI foi bom e ajudou nas rotinas.”

“Para mim não houve problema nenhum.”

Estes foram alguns relatos dos jovens da casa Padre Agostinho da Motta que apesar do desafio de estar sem casa, conseguiram o apoio dos vários recursos existentes na Aldeia de Santa Isabel e desde já o nosso muito obrigado, claro que sempre de olhos postos na Casa Padre Agostinho da Motta que, entretanto, acabaria por estar disponível para nos receber a partir do dia 2 de outubro.

Estar sem casa ou voltar a casa é e será sempre um desafio para quem quer que seja, foi um caminho, é um caminho onde é necessária uma rede de apoio e amor para nos sentirmos acolhidos, não fossemos nós uma Casa de Acolhimento.



“Acolher.
Que seja sempre
um caminho mais acolhedor.”



Adesão ao Plano Nacional das Artes: Projeto Cultural da Aldeia

Imagem: PNA

POR HENRIQUE SILVA COORDENADOR DO PROJETO CULTURAL DA ASI

O Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel aderiu este ano ao Plano Nacional das Artes e ao Plano Nacional de Cinema, juntando-se assim às cerca de 400 escolas do nosso país que procuram estreitar a ligação entre as artes, a educação e a cidadania.

No entanto, sendo a Aldeia de Santa Isabel um projeto de raiz intergeracional, faz todo o sentido partilhar esta experiência com a Residência São João de Deus e a Casa de Acolhimento Padre Agostinho da Mota. Assim no lugar de construir um Projeto Cultural de Escola, constitui-se uma equipa multidisciplinar capaz de desenvolver um Projeto Cultural da **Aldeia**, capaz de estreitar a relação entre mais novos e mais velhos e entre profissionais, formandos e residentes.

Este grande projeto que nos acompanhará durante todo o ano letivo tem como tema e objetivo - **enraizar através da arte**, procurando capacitar todos e cada um de nós para dar dois passos fundamentais:

1 - Tornar-se um agente cultural, isto é, alguém que participa, frui e cria cultura, seja ela música, teatro, pintura, fotografia, etc.

2 – E com isso desenvolver um melhor conhecimento de si próprio e do outro, abraçando a diferença e a paz.

Para construir uma sociedade mais justa e democrática é necessário compreender de onde vimos, qual a nossa raiz – só assim poderemos escolher para onde queremos ir e o que queremos construir.

A consciência opõe-se à ignorância, como a paz se opõe à intolerância. A arte desperta o pensamento crítico e criativo, aproxima-nos uns dos outros, atravessa fronteiras, entra nas nossas casas e senta-se connosco à mesa, alimenta-nos com o passado, transforma-nos no presente para que sejamos capazes de transformar o futuro.



Imagem: Huaru

37º Aniversário da Aldeia de Santa Isabel

Por: António Duarte Amaro
(Fotografias: Arquivo ASI)



Há 37 anos, tivemos a honra de iniciar este projeto da Aldeia de Santa Isabel, Instituição que sucedeu ao Orfanato com o mesmo nome, fundado pelo Padre Agostinho da Motta em 1927 que, apoiado por alguns fiéis cristãos e sobretudo pela família Espírito Santo, até ao 25 de abril, é então entregue em finais de 1983, em elevado estado de degradação física e pedagógica.

Ao tempo, há 37 anos, a Instituição não tinha rede de esgotos (havia duas grandes fossas, uma em frente ao CAPAM e outra em frente ao pequeno edifício da Peixaria). Também não tinha uma rede elétrica eficiente e a rede de água era muito deficitária.

Os edifícios tinham telhados suportados em “asnas e barrotes” de madeira e eram frios e húmidos, sobretudo os que tinham função de camarata. Como por exemplo a atual Oficina de Carpintaria, Pintura de Construção Civil e Confeção Industrial.

Mas o principal problema que se colocara em outubro de 1986 não se prendia com a degradação física mas com o facto de existirem 38 colaboradores do Orfanato que ali viviam, maioritariamente do sexo feminino, solteiras de maior idade, que ocupavam os 38 edifícios existentes, pagando à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa uma renda simbólica.



Conjuntamente com a Dr^a Maria José Nogueira Pinto foi possível, paulatinamente realojar estas pessoas em casas familiares e noutros casos com apoio direto da SCML. Assim, na medida em que conseguíamos integrar no exterior estes colaboradores (que



Aldeia de Santa Isabel

passaram a ser funcionários da SCML), dávamos início à instalação das oficinas. As primeiras foram Confeção, Carpintaria (que se mantém no mesmo espaço) seguidas da Sapataria (no espaço hoje ocupado pela Cerâmica/Olaria) e Pintura Auto no espaço da atual Pintura de Construção Civil, já que a atual oficina de Pintura Auto é um edifício novo, criado de raiz, no ano de 2000.

Nos atuais edifícios dos Serviços Técnicos funcionaram as salas de aulas destas primeiras oficinas que aliás já eram salas de aulas ao tempo do Orfanato.

Durante o ano de 1987 implementámos os cursos de Agricultura e Pecuária (que veio a dar origem ao atual curso de Jardinagem, Bate-Chapas, Eletricidade e um curso de Empresários Agrícolas e iniciámos as obras do Lar de Crianças e Jovens, hoje Casa de Acolhimento Padre Agostinho da Motta.



No curso de Agricultura e Pecuária havia coelhos, galinhas, patos, ovelhas, porcos e vacas, uma horta e até uma vinha no espaço hoje ocupado pela estrada variante adstrita ao curso de Jardinagem. A Aldeia, ao tempo, tinha 6,5 hectares.

No ano 2000 inicia-se uma verdadeira “revolução física” do espaço comunitário da Aldeia de Santa Isabel. Nasce a Praça da Alegria na atual configuração, o Lar de Idosos que era um edifício térreo passa a ter primeiro andar, o Teatro Ginásio passa a Auditório, é construído o Pavilhão Gimnodesportivo, o Bloco de Aulas, as novas Oficinas de Jardinagem e Pintura-Auto e parte do Bate-Chapas, as ruas de terra batida passam a ter alcatrão e são implementadas uma rede elétrica e de água adequadas à nova realidade edificada. Todos os edifícios da Aldeia inclusive a Igreja, passaram a ter lajes de betão tornando-se mais seguros e mais confortáveis.

Tal como hoje, também nos primeiros tempos foi difícil garantir o abastecimento das oficinas por quanto os serviços de aprovisionamento da SCML apenas dominavam as aquisições para Lares de Crianças e Idosos.

A Formação Profissional era algo novo, dinâmico e muito mais complexo para obviar aos obstáculos burocráticos que eram colocados nas aquisições de materiais e equipamentos oficiais, no início do projeto, o Provedor de então, Dr. Damasceno Campos, vinha despachar os pedidos diretamente à Aldeia, no espaço hoje ocupado pela Alexandra Teixeira e a mesa-redonda que ali se encontra servia o propósito das reuniões do Conselho Diretivo. Estas breves considerações têm o objetivo de assinalar que a génese e evolução das instituições têm “histórias singulares” em que a liderança é crucial e não pode desfalecer perante os desafios enormes “muitas pedras no caminho”, mas para se ter sucesso é necessário amar de verdade o que se faz.

Em suma, a vida das organizações como a das pessoas implica movimento, processo, é devir, é caminho, é mudança.



SANTA
CASA

Misericórdia de Lisboa. Por boas causas.

humanitude



Imagem: <https://www.cdhs.fr/ma-prise-en-soins-usld>

“HUMANITUDE” O olhar, a palavra, o toque e a verticalidade nos cuidados prestados

Por Rita Carvalho, Psicóloga ERPI São João de Deus

A ERPI São João de Deus deu início ao processo de certificação Humanitude a 11 de outubro de 2023. Este processo implica uma metodologia de cuidados uniformizada para todos os colaboradores que exercem funções em ERPI. A Humanitude é uma metodologia de cuidado, que tem sido desenvolvida ao longo de 40 anos, que promove o bem-estar nos cuidados. Trata-se de uma filosofia baseada em 4 pilares: **o olhar, a palavra, o toque e a verticalidade**, capazes de promoverem a dignidade, o respeito e a liberdade da pessoa, restituindo-lhe a autoestima.

“Todos os cuidados que propiciam bem-estar, psíquico e físico, conforto, prazer, que vivificam a autoconfiança e a autoestima, que autorizam a pessoa a fazer escolhas; que lhe permite utilizar as suas capacidades, físicas, psíquicas e relacionais, são cuidados libertadores.”
Yves Gineste



Esta metodologia proíbe intervenções em força ou não consentidas, enfatizando técnicas que favorecem o estabelecimento de uma verdadeira relação de confiança entre o cuidador e a pessoa cuidada.

O meu fascínio pela História

Por Vasco Antão (texto e foto)
Segurança StrongCharon

A História, nas suas muitas vertentes, é a ciência que nos conta a História da Humanidade.

Ao descrever a Guerra de Peloponeso, da qual participou, Tucídides (sec. V a.c.), 1º estoriador e o inventor da História Narrativa.

A ciência a que chamamos História baseia-se na pesquisa de relatos orais e na consulta de documentos de época, sendo que, esta investigação pode ser feita de diversos modos:

Na História Narrativa o historiador relata os factos históricos ocorridos em determinada época;

Na História Pragmática o historiador expões os factos históricos com preocupações didáticas;

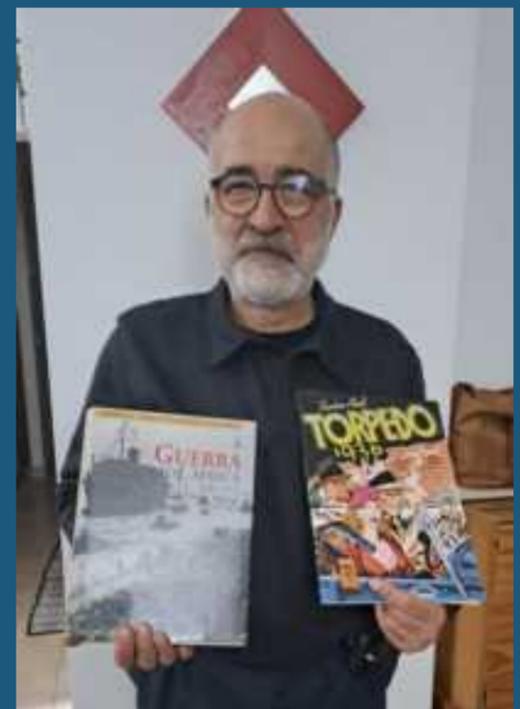
Na História Científica o historiador preocupa-se com a veracidade dos factos históricos, indagando as causas e consequências dos acontecimentos num espaço e tempo determinados.

O meu interesse pela História vem de muito novo, quando lia as aventuras dos cavaleiros medievais ou as guerras aéreas ou navais nos livros de quadradinhos “Mundo de aventuras” e “O Falcão”.

A trabalhar, estudando sempre à noite, cheguei ao antigo 5º ano do liceu, hoje chamado 9º ano.

Nessa altura frequentava o Liceu Gil Vicente, sendo o Prof. José Hermano Saraiva o meu professor de História. Este utilizava o método da História Pragmática para nos cativar para a História Universal.

Os acontecimentos a que assistimos diariamente em todo o mundo são causa e efeitos imediatos ou à posteriori de outros acontecimentos.



O relacionar destes factos com as causas e efeitos aguçam a minha curiosidade e despertam o meu interesse pela História. Quem se interessa pela História tem que estar em constante atualização porque o mundo não para.

Não podemos esquecer as nossas raízes, pois é a História que nos permite compreender o passado, para perceber o presente e pensar o futuro.

Atualmente dedico o tempo que tenho livre à minha família, à pesquisa histórica e às visitas históricas guiadas em várias línguas.

Faltam-me apenas dois anos para terminar o meu curso de História, espero acabá-lo na Universidade Sénior.



Dedicatória: **UM GIGANTE DA MONTANHA**

Por António Saragoça

Fotografias: Sr Brito

No ano de 1903 nasce o Sr. Joaquim Gonçalves de Brito, na freguesia da Louriga.

Um homem com 1.90m, quando a altura média dos seus contemporâneos era apenas 1.60m, atraía a si a população das vilas em redor, que visitavam o local apenas para o conhecer e apertar as suas enormes mãos.

O Sr. Brito, residente no Lar de idosos da Aldeia de Santa Isabel, o facto do seu pai viver na Serra da Estrela, sem meios e isolado, aguçou revolta contra a miséria reinante em Portugal. Conta que quando jovem emigrou para a Argentina, onde vivenciou o movimento revolucionário da América Latina, tendo participado em greves e revoltas operárias deste movimento, sendo preso e torturado duramente, o que o tornou mais decidido e destemido quando regressou a Portugal.

Do pai, destaca alguns episódios ocorridos quando era ainda criança. Começou a trabalhar com o seu pai na produção de carvão com apenas 9 anos. Trabalho árduo que implicava num só dia subir ao alto da serra e descer de volta com o carregamento às costas, para depois o poderem vender em Unhais da Serra, um percurso de mais de 8 horas. Um dia o Sr. Brito caiu e magoou uma perna, tendo o seu pai corrido com ele ao colo mais de 2 horas pela serra, para ser tratado e entregue à mãe, mas perdendo assim o dia de trabalho.

Para comprarem “o calçado e a ganga”, o Sr. Brito trabalhou numa britadeira, que empregava crianças e adultos, com capatazes que espancavam os trabalhadores quando estes paravam para descansar ou beber água. Perante esta injustiça, o pai do Sr. Brito confrontou os maltratantes, de modo que nunca mais se ouviu falar de espancamentos àqueles. Conta ainda que um dia o seu pai ajudou um homem que havia sido baleado, levando-o para casa, onde foi tratado, e alimentado. Era um cigano, e nesta época onde estes faziam contrabando, ninguém ousava ajudar ou relacionar-se com estes, mas o seu pai ajudava quem precisava e aplicava a justiça da montanha a quem desrespeitava a justiça natural da serra. No final, em voz séria, carinhosa e sofrida, o filho deste justiceiro da montanha, termina dizendo: “O meu pai nunca parou de trabalhar, nunca teve férias na vida, morreu de exaustão, porque o coração parou!”

Ex-Formandos: **Passagem de testemunho**

Por: Pedro Patinha e Pedro Bombas **Curso de Cozinheiro/a (Texto e Fotografias)**

O Centro de Formação Profissional da Aldeia Santa Isabel é uma instituição da Santa Casa onde jovens à beira do abandono escolar e de exclusão social encontram aqui uma profissão e uma vocação para o futuro.

O ex-aluno Guilherme disse que a Aldeia mudou a sua vida, ficou mais responsável, com futuro, e encontra-se neste momento a trabalhar. Ele tem sido uma grande influência aqui na aldeia. O seu irmão chamado Sidney está neste momento no Curso de Carpintaria.

O Guilherme reconhece que no início do curso só fazia coisas que não devia, mas com o tempo o comportamento começou a melhorar com os castigos merecidos. E deu novas ideias à mestre Márcia, para nos castigar (testemunho da turma de Empregado/a de Restaurante/Bar). Um dos castigos passava por os alunos que se davam mal ficarem a trabalhar todo dia “amarrados” um ao outro, isso contribuía para trabalharem melhor em equipa.

A turma de ERB acha que ele os incentivou de forma positiva, ao falar de toda a sua vivência na aldeia, e vida pessoal bastante conturbada na adolescência, e todo o seu percurso escolar.

Dito pelo Guilherme “a vida tem de ser uma montanha-russa porque se for em linha reta a vida não teria emoção”.



Os formandos da turma de Cozinheiro/a acharam que apesar das rasteiras que a vida lhe pregou nunca podemos desistir, mas sim persistir, e ficarmos firmes no nosso caminho. Por mais forte que seja a preguiça temos de nos manter inabaláveis.

Começamos o dia por ouvir a história de vida do ex-formando, quando finalizou a sua palestra demos início ao buffet, e partimos para as limpezas e com o espanto de todos o Guilherme vestiu uma bata azul e ajudou, para um melhor desempenho da equipa de cozinha, ele até acabou por se sentar para almoçar como se fosse um de nós.

Sendo assim, foi referido que o que funciona melhor para atrair e para motivar estes jovens é a profissão. Não é a componente escolar, a matemática ou inglês, ou o português. Ou seja, algo mais prático, a que se consigam adaptar e pôr em prática no dia a dia.



Entrevista:

À conversa com...

Por: Marisol Vallespir (Texto e Fotografias)

Carolina Barbosa, 22 anos, luso-brasileira e ex-formanda do curso de Cabeleireiro (Nível IV – Aprendizagem).

Quarta-feira, dia 18 de outubro, a Oficina de Cabeleireiro recebe uma visita especial. Enquanto retoca às raízes à Mestre Sónia, a Carolina Barbosa partilha connosco um pouco como foi a sua passagem pela Aldeia de Santa Isabel.

A ASI foi a tua escola entre 2019 a 2023? Conta-nos como foi o teu percurso?

Foi bom. Estive no curso de Operador de Jardinagem para obter o 6º ano de escolaridade. Depois frequentei o curso de Manicura/Pedicura para concluir o 9º ano de escolaridade e, finalmente, inscrevi-me no curso de Cabeleireiro, não só para obter o certificado de ensino secundário, mas para também exercer esta profissão.



Houve pessoas que te marcaram durante esta passagem pela ASI?

Claro que sim! A Educadora Catarina foi uma grande ajuda, tanto em questões escolares como questões pessoais. Também o Mestre António de Jardinagem e a Mestre Bruna de Manicura/Pedicura. E para não falar da Mestre Sónia e Mestre Paula, que também me marcaram muito e pela positiva! É tão importante escutar, seguir e aplicar os conselhos e conhecimentos transmitidos pelos Mestres.

Lembras-te de algum episódio engraçado que se tenha passado na ASI?

Gostei de várias atividades em que fui participando. As visitas de estudo, jantares, piqueniques... acho que as últimas semanas com as colegas foram muito positivas. Depois de fazer a Prova de Avaliação Final, fizemos um almoço e também um lanche com familiares e amigos.

Consideras que a vivência escolar foi mudando desde que ingressaste na ASI?

Sim, notei mudanças. Sobretudo quando conheci as Mestres de Cabeleireiro, porque aprendi bastante, tanto a nível profissional como pessoal.

Ainda manténs contato com ex-colegas de turma?

Sim, mas principalmente com uma colega do curso de Cabeleireiro.

Qual foi o caminho profissional que escolheste para seguir? Sentes que a ASI te preparou para esse caminho?

Decidi seguir a profissão de cabeleireiro por ser uma área atrativa para mim e porque as Mestres também me ajudaram a tomar-lhe o gosto!

O que gostas mais de fazer?

Sobretudo coloração e alisamento de cabelo.

E se pudesses voltar atrás, terias mudado alguma coisa?

Sim. Os meus comportamentos com algumas pessoas.

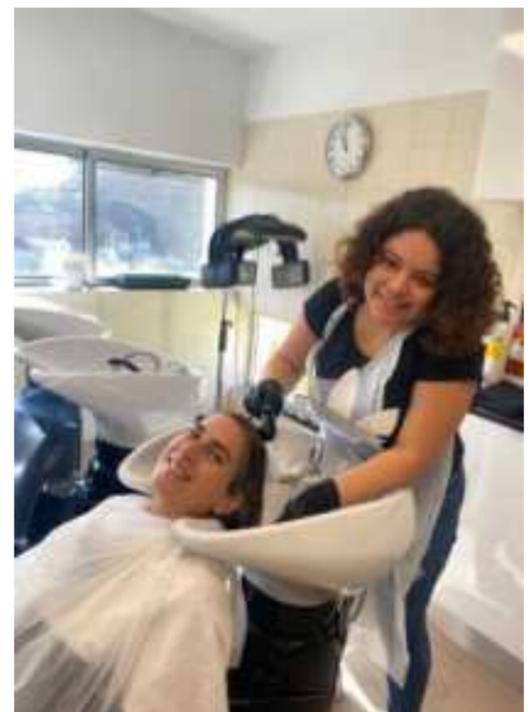
Que conselhos darias à Carolina que entrou na ASI em 2019?

Dir-lhe-ia para aproveitar a oportunidade! Aproveitar para aprender! São-nos dadas as condições para isso!

E não merece a pena metermo-nos em confusões. Devemos ser mais pacientes e calmos!

Que aspirações tens para o teu futuro?

Quero seguir esta profissão. Gosto de estar continuamente a aprender. E quando me sentir preparada, gostaria de ter um espaço meu.



DRILL:

O que é essa coisa?

Por: Rui Pascoal

Curso de Reparador/a de Carroçarias de Automóveis Ligeiros; Pintor/a de Veículos e Técnico/a de Reparação e Pintura de Carroçarias

O Drill surgiu na cidade americana de Chicago, há cerca de doze anos, como um desdobramento do Trap – estilo de Rap que hoje é o mais escutado no mundo.

Este ritmo foi crescendo com a música eletrônica inglesa e por último explodiu com o Pop Smoke.

Os formandos dos cursos de Pintor de Veículos, de Reparador de Carroçarias de Automóveis Ligeiros, e de Técnico de Reparação e Pintura de Carroçarias acabaram a dizer que o estilo apresenta factos da vida e é uma maneira de se expressar (formando Ricardo Cruz de RCAL).



Figura 1. O hip-hop e o 'drill' "não são crime", são "um diagnóstico da realidade" – Fonte: <https://expresso.pt/blitz/2023-04-01-O-hip-hop-e-o-drill-nao-sao-crime-sao-um-diagnostico-da-realidade-3f582d7c>

O Fábio de PV disse que é uma música comum entre as gangs e que incita à violência. Já o formando Elvis de TRPC afirma que gosta da música, porque tem muitas rimas e muito rap.

Des(mise)tificar a *mise* de rolos

Por: Marisol Vallespir (texto e Fotografia)

«Ai, não *mestre!*»; «Outra vez, não!»; «Não queremos mais!»

Eles reclamam, metem as mãos à cabeça, já nem podem ver as cabeças de manequim! Pois é, são os clamores da turma de Assistente de Cabeleireiros de 1º ano, que já meteram a mão na massa, ou melhor, no cabelo artificial das cabeças de manequim, para treinar a clássica e eterna *mise* de rolos.

A palavra *mise* vem do francês que traduzida para português significa “colocação”, e é uma técnica que confere uma determinada ondulação ao cabelo com rolos aplicados sobre o cabelo molhado. As ferramentas utilizadas neste penteado são os conhecidos rolos.



Nesta fase inicial, a formação na oficina de cabeleireiro incide sobre o treino exaustivo deste penteado clássico. Parte das sessões serão dedicadas a este exercício essencial, apesar das reclamações...

Para além da *mise* de rolos, os formandos estão simultaneamente a aprender a fazer as divisões do cabelo e a montagem dos bigoudis, ou seja, simulação da permanente.

Nesta fase inicial, a formação na oficina de cabeleireiro incide sobre o treino exaustivo deste penteado clássico. Parte das sessões serão dedicadas a este exercício essencial, apesar das reclamações...

Para além da *mise* de rolos, os formandos estão simultaneamente a aprender a fazer as divisões do cabelo e a montagem dos bigoudis, ou seja, simulação da permanente.

Pedi a cada um e cada um dos elementos da turma para partilhar a sua perspetiva sobre a *mise* de rolos, e assim foram alguns dos testemunhos:

1. Gosto ou não de fazer a *mise* de rolos?

«Sim, gosto. Como é uma novidade, parece ser difícil, mas com muita prática torna-se fácil»

«Gosto da *mise* de rolos, porém quando o cabelo é muito curto na parte da nuca, acaba por ser mais difícil de colocar os rolos e prendê-los. Mas o resto é fácil, embora um pouco cansativo!»

«Não gosto de fazer a *mise* de rolos porque não gosto de enrolar o cabelo nos rolos...»

2. Entendo para que serve?

«Porque há clientes que gostam...?»; «Não sei!»

«É um penteado que serve para deixar os cabelos ondulados (penteado clássico)»

3. Qual é a parte mais difícil de fazer?

«A parte mais difícil é enrolar o cabelo curto!»

«É a própria *mise* que é difícil!»

«A zona da nuca é difícil porque há mais cabelo e preciso de menos quantidade.»

Para contrariar o sentimento de enfado e desespero, resolvi reforçar o propósito deste penteado para sossegar os corações destas almas, e mostrar-lhes que a *mise* é, de facto, algo maravilhoso e será para eles e elas muito mais útil do que julgam. Com a ajuda das mestres Sónia e Paula, descobrimos que a *mise* de rolos é uma técnica que permite dar forma e movimento ao cabelo durante mais tempo e é menos prejudicial do que o *brushing* de caracóis.

Na *mise* de rolos tradicional, são usados três tamanhos/diâmetros de rolos diferentes:

- Rolos grandes, na parte superior da cabeça.
- Rolos médios, na parte lateral e occipital da cabeça.
- Rolos pequenos na parte da nuca.

Os rolos são colocados em cabelo molhado. Depois da montagem dos rolos em toda a cabeça, colocamos uma rede e vai ao secador de pé durante 30 a 45 minutos para secar (o tempo varia consoante o tamanho do cabelo).

Confesso que cabelos não são o meu forte, e a descrição da técnica também me deixa um pouco receosa, mas a verdade é que o universo do cabeleireiro é algo tão fascinante que nada nos pode desmotivar!

Ficha Técnica:

Título: Ecos da Aldeia

Estabelecimento de ensino: Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel

Colaboradores:

Dr. António Duarte Amaro (Diretor da ASI)

António Monteiro (Educador Social CAPAM)

António Saragoça (Assistente Social RSJD)

Carolina Barbosa (Ex-formanda)

Rita Carvalho (Psicóloga RSJD)

Henrique Silva (Formador DPS-T)

Jorge Fava (ETAF)

Marisol Vallespir (Formadora ING)

Rui Pascoal (Formador MAT)

Vasco Antão (Segurança na ASI)

Turmas de Cozinheiro e Empregado de Restaurante e Bar, nível 2 – 2º ano

Grafismo: Henrique Silva (Formador DPS-T)

Endereço: Avenida dos Combatentes, Albarraque, 2635-029, Rio de Mouro

Telefone: 219155900

E-mail: secformacao.asi@scml.pt

CURIOSIDADE!

A *mise* de rolos não é o mesmo que a permanente! É um penteado temporário ao passo que a permanente, como diz o próprio nome, é um penteado de longa duração.

Atualmente a permanente é feita com o acessório chamado bigoudi.

Vejam como era nos anos 50

Outro penteado, também popular e temporário, é a *mise-en-plis* que usa a pinça



Imagem retirada de: <https://www.dw.com>

E este penteado é popular e muito procurado pelos clientes.

Fiquem descansados, meus caros formandos, porque vão ter que treinar muitas vezes este penteado clássico.